

Juan Esteves

Há pouco mais de 3 anos fiz uma pesquisa para uma palestra que dei aqui em São Paulo sobre fotografia e mercado de arte. Pode parecer incrível mas em pouquíssimos anos tudo mudou, e muito. Naquela época, zapeando sites da Sotheby's e Christie's, encontrei um resultado de um leilão promovido pela Sotheby's em Amsterdam, Holanda, em 21 de março de 2006. Um leilão exclusivo de fotografia cujo resultado final das vendas foi apenas 702,540 mil Euros! Digo apenas, diante de imagens como o "99's cents" de Andreas Gursky que chegou a 3 milhões em várias ocasiões. Embora, não era uma quantia insignificante, pois parte dos nomes vendidos eram de fotógrafos holandeses, não muito conhecidos.

Haviam autores como Sebastião Salgado, Helmut Newton, Bettina Rheims, Tracey Moffatt, Thomas Ruff e Thomas Struth, e o próprio Gursky entre conhecidos, mas o que mais me chamava atenção, claro, era Henri Cartier-Bresson, afinal ainda não fazia 2 anos de sua morte e queria ver como o mercado reagia com seu nome. Surpreendentemente, não havia exagero nos valores, e olha que estávamos ainda na era pré-holocausto econômico mundial, ou seja, as vendas estavam bombando em vários segmentos dos leilões, dos vinhos do porto "vintage" (é para quem não é fino, existem leilões da Sotheby's de vinho do porto Vintage, e pior, alcançavam o mesmo valor do leilão de fotografia) as "antiquidades inglesas", por exemplo que também se balisavam com fotos e vinhos.

A Imagem do lote 18 (duas crianças brincando numa estrada) feita em 1950, cópia de gelatina de prata mais recente, com um carimbo do autor no verso e medindo 25X16,7 cm começou com 3500 Euros e terminou no martelo a 4200 Euros somente... abaixo da estimativa. Em moedas atuais, cerca de apenas 12 mil reais, aproximadamente. Barato não? No mercado brasileiro, onde um poster merreca de uma certa artista badaladíssima carioca, mas não menos merreca, chega a ser vendido mais caro, a imagem do gênio francês, aliás, erroneamente identificado como suíço no site da casa de leilões, é realmente dada! A origem da mesma é vaga: MR Collection, Italy.

Uma segunda, mais interessante, denominada "O casal" mostra claro, "um casal" em meio as manifestações de maio em Paris, assinada a tinta, com o copyright do fotógrafo carimbado no verso, 1960, também ampliada mais tarde. Começou com modestos 1000 Euros e não passou dos 4200 euros quando vendida. A origem: presente do fotógrafo aos proprietários da imagem (nomes não mencionados). Junto com a imagem tinha uma pequena nota do fotógrafo, datada de 1998.

No mesmo leilão, nosso Salgado vendeu sua apocalíptica visão de Serra Pelada por 8640 Euros. Tá certo, a cópia era maior, 29X43 cm, em gelatina

de prata, assinada no verso, com a marca d'agua em relevo, datada de 1986. Tá certo? Ora, é o nosso Sebastião! Tá certo sim! O curioso, é o campeão Gursky vendendo baratinho: Sua imagem, de tamanho um pouco menor 16X40, uma litografia colorida, na verdade, assinada a tinta no verso, de uma edição ignorada e datada de 1985, começou com modestíssimos 1200 mil Euros e chegou a apenas 5040 mil Euros! Quando foi mesmo que 99's Cents chegou a 3 milhões?? Bom, extrapolando o milhão, ela na verdade chegou a 3.346.456 US\$ dólares, era um diptico de dimensões enormes, e foi vendida na noite de 7 de fevereiro de 2007, em Londres.

Notável, como uma imagem dá um salto tão grande! Aliás, enorme!! É claro, alguém pode dizer, "guardadas as proporções de formato" mas não é isso, afinal a diferença do custo do print não tem nada a ver com o valor da obra, ou melhor com o conteúdo, pelo menos é o que os especialistas falam. "The Pound Moonlight", de 1904, maravilhosa imagem de Steichen tinha 18X24 cm e foi vendida por 800 mil US\$ dólares. Outra maluquice: Algumas obras de Thomas Ruff, numa exposição sua na Galeria Theodor Linder, no Rio de Janeiro, em 2004, eram vendidas entre 300 e 15 mil reais! (é... acreditem 300,00 reais apenas). A mostra na charmosa galeria carioca, teve curadoria de Sheila Cabo, professora e pesquisadora da Uerj e reunia 14 artistas alemães da geração Pós-muro, para comemorar os 15 anos da galeria. Para quem não lembra, não faz muito tempo que o IMS vendia imagens do Marcel Gautherot pelos mesmos 300 tinhos... Agora, elas subiram, pouco, mas subiram, passam dos 1000 zinhos! (uma ótima oportunidade)

Num leilão da Sotheby's de 28 de novembro de 2007, uma das obras de Ruff (da série que parece um 3X4) teve uma estimativa de venda de 28 mil Euros! Terminou abaixo da estimativa em 27 mil Euros, aproximadamente. Contudo, em valores atuais... 15 mil reais dá apenas 800 Euros... Parece que quem comprou imagens naquela exposição se deu muito bem! O mesmo se fala das imagens de Bresson hoje, chegando as 300 mil libras, segundo o jornal britânico The Independent (na verdade, imagino que sejam em libras, pois o jornal é inglês, embora, se forem em dólares, também é uma boa grana!) Na matéria sobre as supostas imagens de Bresson que deveriam ser destruídas, e estão por ai pipocando nos leilões. (matéria divulgada pelo Olha, vê)

Voltando àquela palestra de 2006 em São Paulo, tive o prazer de ter no grupo um convidado ilustre, Eduardo Muylaert, que há anos vem me surpreendendo com seu vasto vocabulário fotográfico (Mais um aparte: antecipando o Paraty em foco 2009, na mesa em que Muylaert receberá a fantástica Loretta Lux, uma imagem dela, no leilão que mencionei em 2006, em Amsterdam, foi vendida pela bagatela de 8400 mil Euros... Sendo que começou com apenas 3000 sua estimativa). O bom disso é que quando começamos a conversar sobre os pequenos preços do Cartier-Bresson, o Eduardo fez uma colocação importantíssima.

Segundo ele havia lido, muitas das imagens do Cartier- Bresson que foram parar nos leilões daquela época, eram oriundas, imaginem da onde? Daqui, do Brasil, mais precisamente, do antigo acervo da finada revista Manchete! Naquela época não fazia idéia disso, mas, faz um sentido enorme. Afinal, como fotojornalista e editor de uma grande jornal diário paulista, ainda até o final dos anos 1980 eu recebia imagens em papel, tipo 20X25 cm, das grandes agências de notícias, como Black Star, Gamma, e da mais mítica de todas, a Magnum Photos. Achávamos o máximo pegar uma imagem do mestre na mão, mas vender em leilão, era uma coisa neste país, prá lá de vaga! Não dava ara imaginar!

(Outro aparte curioso aqui... por publicar um retrato exclusivo da agência, do cineasta Federico Fellini, o jornal ficou nada menos que uns 2 anos sem poder comprar imagens da Magnum, por conta de uma pendenga judicial movida contra ele pelo uso indevido da imagem. Era uma época, por mais incrível que pareça, em que se copiavam imagens de revistas, sem o menor pudor (será que isso existe ainda?? faz uns 15 anos que não piso numa redação) O editor mandava reproduzir a imagem, e no dia seguinte, estava lá, sem a gente saber, enorme publicada, e também no dia seguinte, nós editores estávamos lá, atendendo o telefonema do representante da agência que muito bravo, reclamava! Com razão. Neste caso, depois das partes reatarem os bons modos, imaginem só: Publicam novamente sem crédito a imagem do Fellini! E lá estava eu ligando para o representante da Magnum, pedindo desculpas, pagando pela imagem, etc. Bom, a partir daí, mandei retirar do banco de dados, qualquer imagem que não fosse do staff ou comprada pelo jornal e jogamos todas as imagens de reprodução no lixo! Para as que sobraram, mandamos fazer um carimbo: "Consultar a editoria de fotografia antes de mandar publicar", bem grande! Não diria que resolveu...mas melhorou um pouco!)

As imagens em papel - aquelas que servem para colocar emolduradas na parede - continuaram a ser enviadas durante muitos anos, acredito que até os anos 1990. Ora, não é impossível, que alguém com um pouquinho mais de conhecimento, em vez de jogar fora, resolveu guardar essas imagens. Afinal, onde foi parar esse acervo que deveria (ou deve) ser fabuloso! Imaginem só, René Burri e Elliott Erwitt retratando Brasília nos anos 1960 as fotos saindo da Magnum em Paris (não sei se já tinha o escritório de NY) e chegando novamente as redações das revistas e jornais brasileiros? Ou outros grandes fotógrafos, que assinavam as imagens de grandes artistas plásticos, como Hans Namuth, os nossos Manzon, Gautherot, aquelas imagens da Realidade, que foram distribuídas por dezenas de redações brasileiras, pelo DEDOC da Abril, imagens de Claudia Andujar e Maureen Bisilliat, por exemplo (não faz muito tempo um amigo me contou que comprou várias imagens destas fotógrafas numa daquelas feirinhas de

sábado, por uma ninharia...) . E junto com isso tudo, imagens de Cartier-Bresson, Koudelka, Riboud e assim vai... que provavelmente, ainda devem existir nas redações pelo mundo inteiro...

Ora, não é nada impossível que um funcionário do governo tenha guardado estas imagens do mestre francês, ao invés de destruí-las. Ou que realmente, alguém de revistas e jornais não tenham surrupiado uma ou outra imagem de seus bancos de imagem e vendido mais tarde. O que não tem valor hoje, pode ter muito valor no futuro. Afinal, o que faz o sujeito se tornar um grande colecionador é sem dúvida antever um artista que um dia será grande! Não faz muito tempo, podia-se comprar um Vik Muniz bem barato, e diretamente dele! Não precisava vasculhar nenhum acervo por ai... Enquanto isso, vamos mantendo aquelas caixas, com aquelas fotografias, que mesmo amareladas... quem sabe um dia...

Texto originalmente publicado no blog **Olha, vê** = <http://www.olhave.com.br>